

BIBLIOTECA

MILITAR CRISTÃO

MANUAL DE APOIO

**INICIANDO UMA
ASSOCIAÇÃO MILITAR
QUE TRANSFORMA**

1ª Edição
2009

BIBLIOTECA

MILITAR CRISTÃO

MANUAL DE APOIO

**INICIANDO UMA
ASSOCIAÇÃO MILITAR
QUE TRANSFORMA**

Por
Cleber Olympio

1ª Edição
2009



PORTARIA Nº 39, DE 13 DE DEZEMBRO DE 2013.

Aprova a inclusão do Manual de Apoio A-4, 1ª Edição, 2009, como integrante da Biblioteca Militar Cristão.

O administrador do sítio “Militar Cristão”:

Em cumprimento ao disposto no inciso III do art. 3º da Norma Geral Administrativa nº 9, de 2013, faço saber aos interessados o seguinte:

Art. 1º. Aprova-se, com esta portaria, a inclusão do Manual de Apoio **A-4**, intitulado **“Iniciando uma associação militar que transforma”, 1ª Edição (2009)**, como integrante da Biblioteca Militar Cristão, disponibilizando-se o mesmo, a partir da presente data, na subseção “Download – Documentos” para franquear seu acesso aos usuários do sítio.

Art. 2º. Revogam-se:

- I – A Portaria nº 18, de 16 de abril de 2011;
- II – O Manual 05, intitulado “Iniciando uma associação militar que transforma”, 1ª Edição (2009).

Art. 3º. Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 13 de dezembro de 2013.

CLEBER OLYMPIO

Administrador - Sítio Militar Cristão

(Publicado em 13/12/2013 no hipertexto <<http://www.militarcrisdao.com.br/redirect.php?id=756>>).

ÍNDICE DOS ASSUNTOS

	Pág.
APRESENTAÇÃO	IV
CAPÍTULO 1 – RECONHECIMENTO DA MISSÃO	1-1
ARTIGO I – COMPREENSÃO DO CHAMADO	1-1
ARTIGO II – O QUE DEUS QUER DE MIM?	1-3
CAPÍTULO 2 – PREPARANDO O TERRENO	2-1
ARTIGO I – INTEGRAÇÃO EFETIVA	2-1
ARTIGO II – FATORES DE POSSÍVEL LIMITAÇÃO	2-4
CAPÍTULO 3 – SUPRIMENTO PARA A REALIZAÇÃO DA TAREFA	3-1
ARTIGO ÚNICO – INVESTIMENTO PESSOAL	3-1
CAPÍTULO 4 – EMPREGO DE MEIOS	4-1
ARTIGO I – FORMAÇÃO DO GRUPAMENTO	4-1
ARTIGO II – A CONSTITUIÇÃO DO GRUPO	4-3
ARTIGO III – DO CONTEÚDO DAS REUNIÕES	4-4
ARTIGO IV – OUTROS INVESTIMENTOS IMPORTANTES	4-6
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	5-1

**Este é um
MANUAL “ALFA”
Destinado ao fornecimento de suporte específico às uniões
militares evangélicas e pessoalmente ao cristão militar.**

APRESENTAÇÃO

A presente coletânea de artigos foi elaborada logo nos primeiros tempos da subseção “Provisão”, do nosso sítio eletrônico, tendo por finalidade o estímulo de orientar e passar importantes *bizus* de organização de um trabalho militar evangélico na Unidade em que o irmão da caserna está servindo. São orientações básicas, que agora são reduzidas a impresso para serem discutidas e analisadas em grupo, como instruções preliminares de se perfazer um trabalho que valha a pena, que transforme vidas, e não seja apenas um momento de louvor e adoração paralelo às atividades do Quadro uma vez previsto.

Fizemos alguns acréscimos e nova divisão, mantendo o conteúdo original, apenas para manter a diagramação já conhecida dos amigos leitores, e para elaborar algo com conteúdo mais didático. Esquemas também foram adicionados, para ajudar na fixação dos ensinamentos ora passados.

Que Deus abençoe a quem se propõe a levar o Evangelho no meio militar.

O Editor

CAPÍTULO 1

RECONHECIMENTO DA MISSÃO

ARTIGO I

COMPREENSÃO DO CHAMADO

1-1. GENERALIDADES

“Que tipo de trabalho pode transformar vidas onde eu estou?”

Muitas pessoas, ao tentarem responder essa pergunta, vão logo associando a transformação de vidas ao evangelismo, à edificação de uma comunidade evangélica, ao estabelecimento de uma missão, dentre outros meios tradicionais adotados pelas igrejas. O que não se verifica como comum é o agir no ambiente de trabalho, por exemplo.

Poucos realmente se interessam em unir o importante ao necessário, e deixam, com isso, de ser sal e luz aonde exercem suas atividades rotineiras.

Tal comportamento não é diferente no meio militar, objetivo deste estudo. Há os que aprovam a ideia de se fazer uma associação na caserna, outros descartam tal ideia por pura falta de interesse, ou por outros fatores que poderiam ser contornados com a sabedoria do alto. Propomo-nos a lançar o desafio, o de fazer uma associação militar cristã que transforma.

1-2. O QUE É UMA ASSOCIAÇÃO?

Associação, segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (JT/Globo, 1992), traz o sentido de *união de pessoas para um fim comum*.

Efetivamente, se não há um liame, uma ligação entre pessoas, não pode haver sociedade. Assim como num casamento, as partes envolvidas têm de caminhar juntas, a fim de promover o objetivo para a qual foi constituída a união.

Qual, então, seria o objetivo de se formar uma associação militar evangélica que transforma? Pensemos em alguns pontos que facilmente viriam à mente nesse momento:

- Integração;
- Missões;
- Eventos compreendendo pessoas de mesmo pensamento;
- Edificação mútua (fraternidade, solidariedade, objetivos nobres);
- Clube, agremiação social.

Qualquer desses motivos formaria uma associação, seja cristã ou secular. Qualquer destes poderia estar na sua mente, caro leitor, ao se questionar sobre a formação de uma associação na sua guarnição militar. Só que analisar os objetivos da mesma não basta; há, ainda, o que se refletir para caminhar pelo rumo correto, segundo a Palavra de Deus e Sua vontade soberana.

1-3. BUSCANDO OS OBJETIVOS VERDADEIROS

Como sabemos, Deus tem seus propósitos, eternos e imutáveis. Ele usa homens para isso, pois assim foi de Sua vontade. O homem, desde o Éden, partilha da criação divina como alguém importante para seu Criador - tanto é que somos a “menina dos olhos de Deus”. Por vezes, entretanto, carecemos de discernir a vontade do Senhor, seja por não possuímos os mesmos propósitos, seja porque insistimos em pensar que o melhor para o Reino de Deus é o que achamos ser válido.

Ao fazermos qualquer coisa nessa vida, devemos estar em sintonia com Deus. Seja edificar uma família, ou mesmo se incorporar às Forças Armadas, tudo deve ser feito para a glória de Deus. E se você está lotado em alguma Organização Militar nesse momento, ou se há alguma guarnição perto de sua casa e, mesmo sendo civil, você vê algo que precisa nela ser feito, tenha certeza: nada é por acaso.

Assim foi comigo: eu morava perto da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), em Campinas (SP). No final de 2001 e início de 2002, algo me chamou a atenção: na igreja em que congregava, a mais perto dessa Escola, muitos militares vinham e iam dos cultos, sem que nada de significativo lhes fosse feito (sequer um cumprimento, por vezes, era dado a esses visitantes...). Deus foi trabalhando em minha vida para enxergar a necessidade da obra: eles precisavam ser supridos, de alguma forma.

De repente, senti-me tocado a colocar em oração o que me incomodava: "tantos jovens, de diversos lugares do País, vêm à nossa igreja, e nada é feito para que eles venham a se integrar. Oh, Senhor, o que será deles? O que devo fazer? Não sei bem o que realizar, mas usa-me de alguma forma..." E Deus honrou minha oração, colocando-me para trabalhar no Núcleo de Alunos Evangélicos dessa Escola.

Com o passar do tempo, fomos promovendo integração, dando do nosso tempo e amizade para os alunos. A carência foi-se revelando; as necessidades, evidenciadas. Deus, quando quer realizar algo, não pergunta se queremos; ele nos comissiona para ir e dar fruto.

Assim indico a você, caro leitor, para pensar comigo alguns pontos:

- "O que estou fazendo aqui?"
- "Como é a minha guarnição?"
- "O que Deus quer de mim?"

ARTIGO II

O QUE DEUS QUER DE MIM?

1-4. PRESSUPOSTO INICIAL: O USO DAS PALAVRAS-CHAVES

Quando desviamos o foco dos nossos objetivos para a vontade de Deus, tudo passa a ter um norte seguro.

Por que Deus te chamou a trabalhar numa Organização Militar, ou por que você mora perto de uma guarnição? Se algo te incomoda ao vir "milicos" indo e vindo, sem ver algo de significativo em matéria de transformação de vidas, sem ver Deus nesse lugar de modo incisivo, então essa obra é para você. Não espere para amanhã, pois muitas vidas podem deixar de ser edificadas por sua negligência ao deixar de entregar seus objetivos nas mãos de Deus, para que Ele faça a obra. O que Deus quer de você?

(a) A primeira palavra-chave é **compromisso**. Nada funciona se a pessoa não buscar ter um compromisso firme com Deus e Sua Palavra, dispondo viver aquilo que tem visto e ouvido da parte do Senhor. Avalie sua vida, sua condição espiritual; não deixe que o diabo tente te convencer de que algo vai errado, que você não presta para a obra, pois disso tudo ele tenta nos acusar. Quando Deus purifica o pecador, sobre ele nenhuma condenação existe. Assim é contigo. Não há nada que te impeça de começar. Esteja com sua vida sintonizada na vontade do Senhor, que Ele certamente honrará seu compromisso.

(b) A segunda palavra-chave é **visão**. Há algo a ser feito: Deus tem povo na guarnição militar da qual você faz parte ou na que está perto de sua casa. Há os que precisam ser alcançados, outros precisam de firmeza para continuarem o trabalho; outros precisam de estímulo. Deus usa com poder seus servos para promover os mais diferentes meios de atuação na obra. Portanto, tenha visão do que o Senhor quer fazer através de sua vida. Não é necessário que você obtenha uma resposta pronta e preparada nesse momento: se Deus te chama para a obra, tenha ao menos visão espiritual para começá-la, do jeito como você se encontra hoje.

(c) A terceira palavra-chave é **iniciativa**. O recado que deixo é claro: não espere que outros comecem; faça você sua parte. Eu não esperei minha igreja começar a obra com os alunos; Deus me comissionou para ir como estava, e eu fui. Assim é com você. A mesma missão para a qual Deus te comissionou pode ser exclusiva sua, na comunidade em que vive. Não há problema nisso, pois Deus é quem providencia tudo para que sua obra vá em frente.

Tendo essas palavras-chave em mente, *compromisso, visão e iniciativa*, podemos obter a motivação correta, os objetivos verdadeiros para iniciar algo no ministério com militares, que seja dirigido pelo Senhor e transforme.

CAPÍTULO 2

PREPARANDO O TERRENO

ARTIGO I

INTEGRAÇÃO EFETIVA

2-1. GENERALIDADES

Delimitado o campo de ação, através da estipulação dos objetivos, é necessário que façamos um reconhecimento do lugar no qual queremos exercer o ministério para o qual fomos comissionados por Deus. Nesse sentido, há muitas semelhanças com o preparo que os missionários desenvolvem para o trabalho no campo e diferenças entre o comportamento dos civis e o dos que já são militares.

2-2. CONHECENDO O DIA-A-DIA DA CASERNA

Quando um missionário sente o chamado para determinado campo, ele deseja saber tudo o que se relaciona com esse lugar. Como vivem as pessoas, seus hábitos, horários, modo de pensar, de agir em determinadas situações, sua interação com outros da comunidade, se são abertos ou fechados a ideias de fora, dentre outras características. O missionário não apenas pode, mas deve investigar cada um desses aspectos, a fim de realizar um trabalho não apenas útil, mas com excelência.

Quem vive na caserna já sabe da rotina, dos horários livres, do comportamento do Comando em relação a diversas situações. Isso tudo é

fundamental para se iniciar algo relevante. Não é o suficiente, como daqui a pouco será exposto. O recado agora é para os que não são militares.

Quando não se conhece o alvo do trabalho, há muitas maneiras de se conseguir subsídios para a obra. Um deles é descobrir, na sua igreja ou até pela Internet, quem já passou pela guarnição, ou quem ao menos é ou já foi militar. Dicas preciosas podem vir dessas pessoas, pois elas podem te passar um pouco da rotina dentro da caserna, o que eles acham de determinadas condutas dos civis, como eles se inter-relacionam, entre outras.

É muito importante que saibamos um pouco mais a respeito do militar. A Internet possui muitos subsídios, como sítios institucionais (<www.exercito.gov.br>, <www.fab.mil.br>, <www.mar.mil.br>), sítios pessoais e, porque não dizer, visitas às guarnições e a desfiles militares podem ajudar e muito para se conhecer alguns aspectos da vida na caserna. Com os desfiles, por exemplo, pode se aprender a respeito da disciplina a qual os militares são sujeitos no dia a dia. Com as visitas, o civil pode ter contato com materiais do cotidiano militar (há guarnições que possuem museus que mostram armamentos do passado; outras fazem exposições em *shopping centers* a fim de exibir, por exemplo, o fardamento e vídeos de treinamentos de combate).

Outros meios podem se constituir no conhecer as músicas militares - hinos, canções e dobrados. O sítio **Militar Cristão** possui uma vasta coleção de músicas das Forças Armadas, que dão uma ideia de como se constrói o pensamento dentro da caserna, seja com palavras de ordem, seja com estímulo para se defender a Pátria e a Bandeira.

2-3. A QUESTÃO DO ENVOLVIMENTO PESSOAL

O meio indispensável, entretanto, é o **contato**. Isso vale tanto para civis como para os incorporados à Força. Não há como se fazer algo efetivo se não se conhecer, com profundidade, quais são as aspirações, os problemas, as alegrias de quem está lotado numa Organização Militar. Nisso há o envolvimento pessoal.

Comigo foi através de dois alunos que visitaram certa reunião de jovens da igreja que mencionei. Eles prontamente me convidaram para ir a uma das reuniões do Núcleo, já existente. Esse foi o começo do trabalho, e assim deve ocorrer. Não há como fazer tudo sozinho, sem o envolvimento com outras pessoas.

Na sua organização, com certeza, há evangélicos. Às vezes se descobre por acaso: suponhamos que você está arranchado, e repentinamente flagra alguém orando antes de comer. Isso pode ser um indício de que tal pessoa seja um cristão. Evidentemente, não podemos nos firmar em costumes. Certa vez, um Tenente-Coronel, cristão, compartilhou co-

migo que queria ter certeza de que o Senhor havia lhe chamado para ingressar na EsPCEX, vez que era de sua vontade ir para a Marinha. Para isso, ele queria ver um evangélico nas redondezas. Ao chegar na sua nova guarnição, tendo de dormir rápido por ordens superiores, observou de seu leito, no alojamento, um colega que estava ajoelhado ao pé da cama. Aproximou-se, então, dele, e perguntou sua condição religiosa. Para a surpresa do agora Tenente-Coronel, a resposta foi “Eu não sou, mas você pode me mostrar como que se faz para ser?”. Deus, então, mostra seus objetivos das maneiras mais diversas, e isso não depende de costumes; o envolvimento pessoal pode trazer as respostas de um modo mais rápido e até mais surpreendente do que imaginamos.

Ninguém vive isolado; o militarismo, inclusive, incentiva o companheirismo e a camaradagem. O militar evangélico deve fazer disso a sua oportunidade para construir relacionamentos saudáveis e duradouros com seus companheiros de guarnição. Somente no dia a dia é que se conhece alguém com profundidade, e se dá o remédio certo para a doença certa. O dar de seu tempo, de sua dedicação, de sua amizade e às vezes até do seu dinheiro fará toda a diferença para que uma comunidade evangélica transformadora seja edificada. E isso pode começar com apenas duas pessoas.

Isso é necessário lembrar para que não haja surpresas na questão “qualidade *versus* quantidade”. Por vezes, há facilidade em se reunir um grande número de cristãos, mas nem todos são comprometidos com a obra; há muitos desinteressados, outros mais preocupados com os afazeres cotidianos, e não estão animados para frequentar as reuniões; outras vezes, há poucos cristãos, mais calorosos, entretanto, e interessados no evangelismo. Há ainda a possibilidade de se ter poucos cristãos e quase nenhum interesse na edificação de um grupo. Não precisamos nos assustar, entretanto. Se Deus chama para a obra, Ele certamente providenciará todos os recursos para que o trabalho seja bem realizado. Se houver falta de interesse, Ele tocará na comunidade militar para chamar pessoas a fim de integrar a obra; se falta participação do pessoal de fora, Ele chamará; se faltam recursos financeiros, Ele suprirá. Portanto, não precisamos nos atemorizar ao iniciar a obra na guarnição militar que se tenciona alcançar.

Outro fator importante é descobrir os costumes de quem está envolvido no trabalho, em se tratando da diversidade étnica e regional que algumas Organizações Militares carregam. Seu companheiro do lado pode ser do Rio Grande do Sul; o da frente pode ser do Acre; o primeiro do outro pelotão pode ser manauara, e assim por diante. Cada qual com suas tradições e costumes. Isso influi até no modo de eles se divertirem, ou interagirem com o meio social em que estão instalados. Tudo isso precisa ser observado.

ARTIGO II

FATORES DE POSSÍVEL LIMITAÇÃO

2-4. ANALISANDO O CONTEXTO: TEMPO E ESPAÇO FÍSICO

Ao passarmos do nível pessoal, precisamos ver as possibilidades e as limitações que a guarnição oferece. Situações como falta de horários para as reuniões e de espaço físico são comuns. Outras, mais complicadas, referem-se à postura do Comando para a realização de trabalhos religiosos na Organização. Tudo precisa ser investigado para que a obra não reste prejudicada.

Quanto às limitações de tempo e espaço físico, o grupo pode contornar agindo da seguinte forma:

(a) Se o problema for tempo, arranjar horários onde todos possam se reunir, nem que seja por meia hora ou uma hora apenas; a sugestão que damos é antes do início das atividades do dia, ou no intervalo entre o rancho do meio-dia e as atividades vespertinas ou após o rancho da tarde, quando já se está dispensado das obrigações na caserna;

(b) Procure não fazer as reuniões nos finais de semana, a não ser que haja uma adesão maciça de interessados. A experiência comprova que, por mais que seja interessante e motivadora a reunião, muitos dos membros tendem a usar o fim de semana para fugir um pouco do ambiente da caserna, para ver família ou amigos; com isso costumam viajar até a hora de se apresentar para a revista do recolher de domingo à noite ou bem cedo, na segunda-feira. O final de semana pode ser usado, caso seja do interesse da maioria, para promover encontros sociais, como churrasco, futebol e outras atividades, que podem até, porque não, ter um aspecto espiritual (com louvor, palavra rápida, dentre outras coisas, a critério dos participantes).

A limitação de tempo é um fator a se considerar, pois por vezes é difícil conseguir forças para levar adiante uma reunião; se é para realizar uma reunião mais prolongada, com muito louvor e sermões substanciais, é melhor que se combine um horário fora do expediente normal, para não haver conflitos. Quanto ao espaço físico, caso não haja uma sala disponível na guarnição, a saída pode ser conseguir espaço na casa de um irmão militar que resida na Vila próxima à organização, ou com os civis em casas próximas; observe, entretanto, o dia em que os companheiros podem ser liberados pelo Comando para sair do aquartelamento. Cogite também

as igrejas que se disponham a dar apoio ao ministério. Caso não haja essas alternativas, pode-se até alugar uma casa nas redondezas, a fim de realizar as reuniões. Que não haja empecilhos para a consecução da obra do Senhor.

2-5. A QUESTÃO DA AUTORIZAÇÃO DO COMANDO

Há uma postura de tolerância no meio militar referente à prática de culto das três principais religiões brasileiras, quais sejam: a católica apostólica romana, o espiritismo e os protestantes. Embora tal postura não seja regra, é importante que o grupo evangélico, ao ser constituído, verifique as possibilidades junto ao Comando para exercer suas atividades, vez que há muitos que não se interessam nem um pouco que as verdades do Evangelho sejam espalhadas no meio militar, por ignorância da matéria ou por discordância fundamentada na religião que porventura sustente. Em todos os casos, é importante que se analise a possibilidade de manutenção de um grupo evangélico ativo na caserna; em algumas situações, é melhor que hajam reuniões externas em princípio, para depois, com fundamento no testemunho e mudança de vida dos integrantes, o trabalho possa ser constituído ostensivamente na Organização Militar.

Interessante também é que se obtenha uma autorização do Comando, de preferência por escrito, datada e assinada, pois o cristão deve dar exemplo de submissão às autoridades constituídas, tanto no tocante à valorização da hierarquia como para a legitimidade do trabalho dentro de uma guarnição. Isso vale para militares e para civis, que se empenham num trabalho de forma continuada com os irmãos militares.

2-6. A POSTURA DO TRABALHO PERANTE A GUARNIÇÃO

Podemos agradecer ao Senhor por não haver uma perseguição desenfreada aos protestantes aqui no Brasil, assim como acontece em outros países (China, Vietnã, Oriente Médio), onde o Evangelho não é bem visto em hipótese alguma, especialmente nas Forças militares. Não podemos, entretanto, usar dessa liberdade para promover aquilo que bem desejamos.

Se determinada forma de culto, oriunda de um entendimento particular doutrinário, vem a trazer mais confusão do que união, não deve ser praticada. Que isso fique reservado às igrejas que praticam tais formas em seus cultos regulares, dentro de seus templos. Por vezes, precisamos abrir mão de certos modos de cultuar a Deus, se temos como meta alcançar outros para Cristo dentro de nossas guarnições. Sobre o aspecto denominacional, falaremos mais tarde.

CAPÍTULO 3

SUPRIMENTO PARA A REALIZAÇÃO DA TAREFA

ARTIGO ÚNICO

INVESTIMENTO PESSOAL

3-1. GENERALIDADES

Sem dúvida, há um preço a se pagar. E não estou falando apenas de finanças. Jesus deu de si mesmo na Cruz para nos promover a salvação. O Senhor pagou um alto preço para que viéssemos a ter um relacionamento com Ele. E o que Ele espera de nós, Seus filhos eleitos segundo a promessa? Que façamos o mesmo em Sua obra.

Deus certamente cobra de cada um de nós, uma vez comissionados, que gastemos de nossos recursos para o que Ele tem a realizar. E ao examinarmos o que temos, vemos com clareza que tudo foi nos dado pelo próprio Senhor. Ou seja, nada mais justo e proveitoso usarmos aquilo que Ele nos deu para Sua obra e Seu louvor, especialmente.

O fardo que Ele nos dá, segundo a promessa, é leve. Não precisamos nos preocupar em obter resultados imediatos. Por vezes nem o trabalho que se faz em dez anos pode, aparentemente, ser significativo quanto o esperado. O que precisamos é esperar resultados, pois eles certamente virão, se Deus mandou que assim atuássemos no seu trabalho. Considerando o que já falamos sobre as palavras-chave dos objetivos corretos ao se formar uma associação militar evangélica, façamos alguns comentários sobre a atitude do cristão engajado no serviço que deve pagar a missão dada pelo Senhor em relação à guarnição-alvo.

3-2. COMUNICAÇÃO, TESTEMUNHO E ALIADOS

3-2-1. INVISTA EM COMUNICAÇÃO COM O SENHOR

Se preferir a palavra “oração”, tudo bem; escolhi usar “comunicação” por achar mais própria para o contexto. Não adianta apenas levar em oração, nome por nome, os companheiros e a guarnição que se deseja alcançar; comunique a Deus o que está lhe faltando, as aspirações, os desejos em relação à obra, as dificuldades, a sua falta de paciência por vezes existente a respeito de resultados; enfim, tudo o que se passar em seu coração deve estar em comunicação com Deus.

A mera formalização dos pedidos de oração não possui finalidade prática; ela meramente “espiritualiza” o trabalho a ser realizado. Deus quer muito mais de seus servos, do que uma simples oração. Ele quer envolvimento com a obra, como se você fosse o único servo separado para ela (sabemos que não é assim, mas por vezes dessa maneira parece aos nossos olhos). Portanto, nada deixe fora desse contato com o Senhor.

3-2-2. INVISTA EM TESTEMUNHO PESSOAL

Você é carta viva do Senhor. Você é "espetáculo para o mundo", como diz o Apóstolo Paulo. Não há como se impactar uma vida, ou uma guarnição, sem um bom testemunho. Se você é civil, vem de fora da Organização Militar, seu testemunho se dará a cada visita, a cada encontro com os militares, sejam eles cristãos ou incrédulos; se você é de dentro, seus companheiros certamente o vigiarão durante todo o tempo, vinte e quatro horas por dia, para perceber a real diferença que você faz. Isso implica em cuidar do que você diz, do que demonstra (especialmente em relação a convites que tendem à fornicação, às bebedices e à prostituição...) e de como encara as ordens superiores (se leva a sério a hierarquia e a disciplina, sem murmurar nem contender).

O crente se destaca por falar não apenas aquilo que pensa, mas aquilo que vive, e por viver aquilo que fala. Se há falhas no seu testemunho, comunique-as a Deus e peça pela Providência. Não se esqueça de que uma imagem vale por mil palavras; seu testemunho responderá muito, lá na frente, especialmente em se tratando dos resultados alcançados.

3-2-3. INVISTA NA BUSCA DE ALIADOS PARA A OBRA

Já disseram que “uma andorinha só não faz verão”. Tome esse ditado como fato na obra dentro da caserna. Não há espetáculo sem público; não há trabalho sem o envolvimento de pessoas. Cedo ou tarde você terá

de buscar quem possa atuar junto contigo na obra do Senhor dentro da caserna. Eis aqui algumas sugestões e observações a serem feitas:

(a) Capelão Protestante. Há Organizações Militares que possuem, em seus quadros, a figura do Capelão Protestante, como parte do QCM (Quadro de Capelães Militares) e do SAREx (Serviço de Assistência Religiosa do Exército), esse último no caso da Força Terrestre. Ele é especialmente designado para prover a assistência que os fiéis evangélicos precisam dentro da caserna ou em alguma eventual missão, de paz ou de guerra. Em alguns casos, entretanto, pode haver um capelão, mas não existir um grupo militar evangélico na guarnição onde este está lotado. Nesse caso, a união do seu chamado com o propósito de ele estar na caserna são muito importantes para se iniciar um trabalho cristão transformador. Converse com ele, peça conselhos, organize programas juntos, de modo a integrar os evangélicos que servem na Organização Militar alvo do seu trabalho.

(b) Oficiais evangélicos mais graduados. Sabemos das limitações, inclusive de comunicação, que existem entre oficiais de postos e graduações diferentes, e entre oficiais e demais praças, como as determinadas pelo Estatuto dos Militares. Isso, entretanto, não precisa ocorrer fora da guarnição aonde se desempenham as atividades militares do cotidiano; a diferença que o militar cristão faz é a de respeitar seu companheiro como mandam os regulamentos, pois com isso dará um mais excelente testemunho. Fora do serviço, o tratamento é entre iguais, cristãos salvos por Jesus, e nesse contexto há a oportunidade de se conseguir um impulso maior dentro da Organização para que o trabalho se realize. O oficial, quanto mais graduado, tem maior peso de iniciativa para começar um trabalho relevante dentro da guarnição. Portanto, sua patente - que certamente é provisão de Deus para a atuação dentro da caserna - é um meio muito útil na disseminação do trabalho para Cristo e na elucidação das razões relevantes para que o Comando autorize, sem maiores complicações, o funcionamento de uma associação militar evangélica na Organização.

(c) Pastores da comunidade. As igrejas locais acabam tendo um peso muito grande na organização e consecução dos trabalhos evangélicos na área de sua abrangência, ainda mais se nela estiver contida uma Organização Militar. Os pastores podem auxiliar o desenvolvimento de referidas associações, através de um trabalho pessoal, ou ministrando cultos (regular ou esporadicamente), cursos (treinamento para evangelismo, discipulado, desenvolvimento de dons) ou ainda incentivando suas ovelhas na participação dos trabalhos da associação e no engajamento desta em atividades como a ação social. Outra forma é buscar uma inte-

gração como comunidade evangélica, de fato, promovendo, na medida dos recursos disponíveis, eventos aonde os militares participem junto com os civis, retiros espirituais e recepção dos recém-incorporados.

Outra razão pela qual a presença pastoral é importante na associação militar evangélica é a referência em matéria doutrinária e na parte de aconselhamento que os membros podem precisar para continuar o trabalho ou para sua vida cristã normal. Ele faria, no caso, as funções do capelão protestante, em caso de este faltar na Organização Militar. No caso de haver um capelão, o trabalho pode ser integrado, vez que juntar as forças é interessante para que o objetivo maior, edificar uma comunidade evangélica que transforma, é o mais importante.

(d) Militares da reserva e civis. Não podemos desprezar a atuação de irmãos importantes para a edificação da obra, mesmo que sejam de fora da caserna. Eles devem ser convidados e integrados, para que a associação seja transformada com sua atuação. Há, com certeza, na sua congregação, alguém que já serviu na Força, ou que conhece alguma pessoa que já integrou as fileiras – mesmo que seja durante o Serviço Militar Obrigatório. Eles podem ser muito úteis para se conhecer a rotina da caserna, além de passar experiências sobre como alcançar os militares não cristãos. Para isso, busque contato com esses irmãos. Com todos os que eu conheço que são da reserva, há pelo menos diversas recordações boas do tempo em que serviram.

Não podemos, igualmente, nos esquecer dos civis que desejam integrar a obra: esse recado é especialmente para você, militar. Muitas vocações podem ser despertadas com seu testemunho de ação na caserna diante da congregação que você frequenta ou faz parte. Há os que não fazem a menor ideia do que seja trabalhar com militares; outros, infelizmente, carregam preconceito com relação às Forças Armadas, notoriamente o Exército, por causa do Movimento Revolucionário de 1964-1985 e por argumentos infundados com relação aos militares, como – palavras dos opositores –: promiscuidade, falta de compromisso e até honestidade – o preconceito existe, infelizmente, ainda que não sejamos simpáticos para ouvir tais críticas sem fundamento. Tive problemas no início com o trabalho com os alunos da EsPCEX por ver tal preconceito arraigado na comunidade local, o que foi se quebrando, ao menos em parte, quando os frutos começaram a surgir.

Tal conduta antimilitar, portanto, não deve diminuir nosso amor e desejo de integração com os civis, o que pode ser feito com retiros, por exemplo. Se isso é feito pelas atividades periódicas das Organizações Militares com a comunidade, como os desfiles, prática desportiva e competições, quanto mais nós, evangélicos, devemos nos integrar com o povo evangélico das

redondezas. Façamos a diferença, para que barreiras sejam quebradas e ambos os lados saiam ganhando.

(e) Outras associações e meios de comunicação voltados a militares cristãos. Esse fator é importante, uma vez que todo trabalho precisa de um acompanhamento inicial para poder “decolar”. Há diversas associações evangélicas pelo Brasil, e elas podem fornecer subsídios para a organização de grupos cristãos fortes nas guarnições.

O sítio **Militar Cristão** possui esse compromisso. No Guia de Páginas, subseção Associações Militares Evangélicas, fornecemos endereços, telefones e, ocasionalmente, sítios de associações na Internet. Há também material em outros idiomas, como o *Christian Military Fellowship* (EUA), que pode fornecer subsídios para a constituição da associação. Em português, o **Militar Cristão** é praticamente o único meio eletrônico para se conseguir material para essa finalidade, contando com recursos como apostilas para discipulado, farto material de estudos bíblicos – com seção voltada a militares – e muito mais. Agora, sobretudo, a *Biblioteca Militar Cristão* se destina a justamente suprir os grupos com livros que podem ser livremente impressos e distribuídos, sendo meios de sustento para as reuniões e preparo das mesmas.

O mais importante é manter comunicação com outros engajados na obra. Assim como com Elias, quando se viu sozinho e descobriu que Deus havia reservado sete mil homens que não dobraram seus joelhos diante de Baal, da mesma maneira será com você ao perceber que há outros com o mesmo chamado para atuar junto aos irmãos e amigos militares. Mantenha contato, seja por carta ou correio eletrônico.

CAPÍTULO 4

EMPREGO DE MEIOS

ARTIGO I

FORMAÇÃO DO GRUPAMENTO

4-1. INVESTINDO NA CONSTITUIÇÃO DO GRUPO

Chegou a hora de chamar outros para integrarem esse trabalho. Nesse tópico, cabe abordar inicialmente como você pode começar o ministério na caserna, para depois falarmos sobre o modo de condução das atividades.

Como já mencionado, por vezes você se verá como estando só na guarnição. Daí a necessidade de descobrir outros da mesma fé que você. Isso pode ser feito durante o contato do dia a dia, até com a exposição de ideias em conversas informais. Se o seu companheiro evangélico não tiver a mesma motivação, incentive-o a pensar na ideia de começar algo para o Reino de Deus na organização militar, vez que nela certamente há Seu povo, e Deus Se importa com os Seus, cobrando de nós o mesmo comportamento. Os resultados podem até demorar um pouco, mas a resposta certamente virá.

4-2. O DILEMA QUANTIDADE *VERSUS* QUALIDADE

No início podem vir poucos, especialmente se o Comando não incentiva a prática religiosa entre seus liderados. Quando isso ocorre, entretan-

to, podem vir muitos nas primeiras reuniões, mas tal comportamento se reflete mais pelo senso de dever para com o Comando do que por compromisso com Deus. Portanto, não se impressione com a quantidade!

O grupo certamente crescerá quando houver envolvimento pessoal e espiritual entre seus membros. Uma sugestão que se dá é a organização de grupos pequenos de comunhão, que venham a crescer e se multiplicar. Cada um deles pode ter um mentor espiritual (capelão, pastor, oficial orientador etc.), mas o interessante é que o grupo, a associação como um todo, esteja caminhando em harmonia. Aqui faço uma pausa para abordar a questão das denominações e suas diferenças.

4-3. DELIMITANDO ASSUNTOS

Quando se trata de assuntos evangélicos na associação, os membros precisam verificar o que é mais importante. Sabemos que as denominações surgiram de contextos que consistiram, basicamente, em divisão, embora tal separação tenha sido benéfica, em alguns casos. Acreditamos que tal imagem, entretanto, não deve ser a passada para os membros, muito menos para os visitantes, e principalmente aos olhos do Comando. Se o lema é união nas Forças Armadas, então que o grupo evangélico dê o exemplo. O principal assunto do grupo evangélico, da associação, é Jesus e Sua obra salvadora. Se houver lugar para querelas doutrinárias (cessacionismo x contemporanismo, imersão x aspersão etc.), pensamos que o grupo promoverá mais desunião do que união. Não é isso que queremos para a associação.

4-4. O PROBLEMA DE SE “FUNDAR UMA IGREJA”: A QUESTÃO DENOMINACIONAL

Outro tópico correlacionado é o fator “fundar uma igreja na Organização Militar”. Pensamos que o ideal seria dar espaço para as denominações encontrarem algo em comum para atuar, uma vez que, como dito, o centro da mensagem é Jesus. Logo, desde que com decência e ordem (não ascetismo...), a associação não deveria assumir as características preponderantes de determinada denominação. O espaço poderia ser mais democrático; por vezes, pode-se pensar que a associação assumiria o caráter denominacional do presidente, ou do capelão, ou da principal igreja visitante, mas pensamos não ser essa, ainda, a melhor alternativa. Que haja espaço para que as igrejas venham a dar o melhor de si, na amplitude de dons que o Espírito Santo assim operar. Não sejamos empelinho diante de Deus para que Ele se manifeste como, quando e onde quiser.

ARTIGO II

A CONSTITUIÇÃO DO GRUPO

4-5. DA PESSOALIDADE DO TRABALHO

Entendida essa questão denominacional, passemos ao grupo, propriamente dito. Há os que preferem trabalhar com um grupo uniforme, como se fosse uma congregação dentro da guarnição, mas pensamos que o melhor seria atuar junto aos membros da associação de um modo mais pessoal, mais íntimo. Uma alternativa seria a instituição de grupos pequenos de comunhão e de crescimento – não confundir com o erro doutrinário do G-12 – onde houvesse mais espaço para compartilhar, testemunhar e interceder de modo mais pessoal. Outra seria em trabalhar com o grupo maior, mas abrindo igualmente espaço para os testemunhos e a intercessão, que não podem faltar. A fim de suprir a questão da intimidade, uma sugestão é a do “companheiro de pelotão”, ou a escolha (livre) de um companheiro para estarem conversando, compartilhando e intercedendo um pelo outro, seja nas reuniões ou fora delas. Esse companheiro pode – ou não – ser aquele amigo mais chegado.

O interessante é não deixar ninguém de fora dessa comunhão, e isso pode ser feito através das integrações nas primeiras reuniões (os famosos "quebra-gelo"). A facilidade da caserna é que, em pouco tempo, praticamente se conhece todo mundo, crente ou incrédulo. Os irmãos militares devem aproveitar essa oportunidade para construir relacionamentos sólidos com seus companheiros.

4-6. DO ENVOLVIMENTO ENTRE OS MEMBROS

Repare no seguinte: tudo passa pela comunhão, pelo desejo de se unir como corpo. Se, ao formar o grupo, o organizador percebe que há uma certa frieza de uns para com os outros (especialmente se, nesses grupos, houver alguém de posto ou graduação superior), ensinamentos bíblicos devem mostrar que, nas reuniões, todos somos iguais, feitos do mesmo pó que tornará à terra, pecadores carentes de salvação e da graça divinas. Isso deve ser explícito, para que a comunhão seja verdadeira, sem constrangimentos. Um detalhe importante é a questão de se separar o profissional do irmão: não é porque um capitão é rigoroso nos TFMs, por exemplo, que ele deixa de ser irmão. Ele pode - e deve - ser assim, seja para testemunhar por um bom trabalho realizado, seja para cumprir o papel para o qual foi designado, o de instruir. Portanto, que se criem oportunidades para o desenvolvimento de relacionamentos sadios.

ARTIGO III

DO CONTEÚDO DAS REUNIÕES

4-7. VARIEDADE NO FORMATO

Constituído o grupo, há que se verificar o conteúdo das reuniões. Existem os adeptos do trinômio oração – louvor – palavra, tradicionais dos domingos. Pensamos, entretanto, que isso pode mudar. Sejamos criativos! Por que não encaixar um testemunho, e às vezes suprimir a palavra? Ou por que não fazer reunião de oração, e suprimir o louvor? Como já dito, as reuniões não podem ser transformadas em alternativas eclesíásticas para o domingo, mas sim momentos significativos de comunhão para os membros, se não a tendência é chafurdar na missão.

Se houver oração, que seja verdadeira, e interessada em que o irmão seja restaurado. Não custa nada perguntar a respeito de como estão indo as coisas, a partir do momento em que o companheiro divulga o seu motivo para a intercessão. Se as finanças permitirem, por que não divulgar, por escrito, os pedidos de oração, via boletim? Se houver palavra, que haja substância; não adiantam as reflexões "Jesus te ama", isto é, as que se limitam a "dar leite para recém-nascidos".

Grande parte dos que integram o corpo da associação provém de igrejas, e são membros das mesmas até desde o berço; acreditamos que merecem algo mais sólido, para que os momentos de palavra não sejam motivo de oração para terminarem mais cedo para *torar* ou passar a farda para a formatura do dia seguinte... Não temamos os que estão chegando agora ao Evangelho; a turma do discipulado cuidará bem deles.

Se houver louvor, que não se cante apenas "o que está na moda"; a criatividade deve estar presente aqui também. Pode-se resgatar corinhos mais antigos, ou até mesmo hinos, ou abrir espaço para que o pessoal do louvor ensine os cânticos que compôs. A associação pode até adotar uma música como a sua canção; a sugestão que dou, de hinos já compostos, é o "Castelo Forte", de Martinho Lutero, pois além de ter ritmo militar, possui uma letra profunda, e bem parecida com as nossas canções de caserna.

4-8. DA IDENTIDADE DO GRUPO

A identidade do grupo é importante. Precisa ser mostrada, desenvolvida. Crie, também, um símbolo para seu grupo, de preferência com motivos militares. Quando trabalhamos com o Núcleo de Alunos Evangélicos, foi

criado um símbolo (veja a seguir) inspirado nos distintivos regulamentares das Organizações Militares do Exército Brasileiro, e tal símbolo pode ser colocado em camisetas e chaveiros, tal como se faz com os já existentes.

O sítio **Militar Cristão** pode prestar essa assessoria quanto à feitura do símbolo de sua associação, assim como fez com o do NAE e o da Associação de Cadetes Evangélicos da Academia Militar das Agulhas Negras (ACE - AMAN), caso seja do seu interesse.



Figura 1. Símbolos da Associação de Cadetes Evangélicos (ACE/AMAN) e do Núcleo de Alunos Evangélicos (NAE/EsPCEEx).

4-9. DO ENVOLVIMENTO COM A COMUNIDADE

Quando possível, convide pessoas de fora para os cultos da associação. Eles podem colaborar, e muito, com pessoal, material (especialmente louvor e palavra) e sua presença faz toda a diferença (ainda mais se for feminina, corrijam-me se estiver errado...). Essas pessoas, entretanto, não devem assumir os cultos; o interessante para a associação é algo denominado "autogestão", isto é, ela pode se manter sozinha, sem interferências externas.

Tal fator é importante para que a obra não dependa da igreja X ou da pessoa Y, pois o trabalho é centrado na vontade do Senhor, não em homens.

4-10. DO MÚTUO SUPRIMENTO

Finalizando esse assunto, o nosso desejo é ver que todos os integrantes e convidados da associação militar evangélica sejam, de alguma forma, supridos. Certamente cada um esboçará suas necessidades, sejam elas emocionais, espirituais ou de outra ordem; não pode haver desampa-

rados no meio (as viúvas e os órfãos), pois isso não deve ser a característica de uma comunidade que leva o nome de Jesus a sério. Os líderes devem estar sensíveis às necessidades de todos, para que o trabalho seja aproveitável em todos os sentidos.

ARTIGO IV

OUTROS INVESTIMENTOS IMPORTANTES

4-11. INVISTA NO EVANGELISMO DO AMIGO

Não basta tratar os de dentro, e se fechar como numa redoma. Vivemos no mundo, e não por acaso. O Senhor nos manda chamar Seu povo, que está também dentre os "gentios" (os ainda incrédulos). Por isso, a associação militar evangélica deve investir no evangelismo.

Você, caro leitor, deve ter reparado que foi colocado um complemento ao termo "evangelismo", qual seja, "evangelismo do amigo". Explicamos o porquê.

Muitos, ao pensarem em evangelismo, acreditam que basta distribuir folhetos num dia lindo de sol, que a missão está paga. Não, não é bem assim. O evangelismo que faz diferença é aquele olho no olho, que sabe das necessidades da pessoa tendente a receber a mensagem. Segundo uma pesquisa realizada na década passada, de cada dez que são ganhos para Cristo, três vêm através dos amigos. Uma porcentagem irrisória vem através dos folhetos (cerca de 1,5%). Isso tudo para mostrar que o evangelismo eficiente acontece quando há mais do que uma palavra bonita envolvida. É preciso haver contato; o mesmo se dá com um médico, que precisa sujar as mãos de sangue para operar o paciente e curar sua doença: o cristão precisa ter mais contato com o problema do seu "paciente", o incrédulo, que pode vir a ser salvo.

O evangelismo de folhetos, por vezes, é impessoal. Dificilmente uma pessoa vai à igreja carimbada no verso. Outros exigem uma mudança de vida absolutamente imediata, sob pena de a alma ir para o inferno, pregando-se o chamado "evangelismo da ameaça". Além do mais, podem até constituir em proselitismo, dependendo do humor do Comando, e o infrator ainda levar um FO negativo, ou uma repreensão no Boletim interno à Unidade...

O evangelismo do amigo envolve proximidade, desenvolvimento de dons, como o da misericórdia. Envolve gastar tempo; ser mais próximo de Deus; ter um testemunho digno; desenvolver-se no conhecimento da Palavra. Envolve amar, se gastar por amor a Deus e externar isso à pessoa

com quem se fala. Envolve mostrar o que de fato mudou em sua vida. O evangelismo verdadeiro envolve vida, e uma vida transformada. Uma imagem vale mais do que mil palavras.

Portanto, o tratamento começa em você. Antes de sair pela guarnição pregando (e isso não desenfreadamente... seja prudente, irmão!), viva aquilo que prega. Faça amigos, inclusive dentre os incrédulos. Você não precisa se sujar nos pecados que eles praticam habitualmente, mas deve-se sujar para ver seus problemas resolvidos, notadamente os espirituais. Invista no seu amigo. A vida dele vale muito para Deus.

4-12. INVISTA NO DISCIPULADO

Tão importante quanto chamar para o Evangelho é o tratamento que se dá ao novo convertido. Isso ocorre quando aplicamos o discipulado.

Ser discípulo é basicamente imitar o que o Mestre faz. O discipulador humano conduz seu discípulo ao Mestre, ensinando os primeiros passos na fé, a fim de que este venha a caminhar futuramente pelas próprias pernas e ajude outros da mesma maneira que foi ajudado.

Geralmente – e o mais correto – o discipulador foi o mesmo que encaminhou o seu discípulo a Cristo. Mas, como nem sempre é o amigo que conduz a pessoa a Cristo, embora isso ocorra com relativa frequência, outros precisam suprir. Isso envolve também um relacionamento de amizade com o discípulo, onde se procura mostrar testemunho pessoal, interesse pelo compartilhar vida, e não apenas estudos bíblicos relevantes, além de gastar tempo com o discípulo para mostrar-lhe que seguir a Cristo e servi-lo vale mesmo a pena.

O tratamento espiritual ao novo convertido não pode demorar. Há quem diga que é grande a probabilidade de desvio do crente que recentemente conheceu a Cristo nos primeiros seis meses de conversão. Portanto, urge que sejam tomadas providências, pois a alma não é apenas importante para Deus no momento da salvação, mas da continuidade da vida também.

Veja na associação quem tem o dom de comunicar as verdades básicas ao novo convertido. Se você é esse alguém, então desenvolva seu ministério. Arranje tempo para discipular, especialmente fora do expediente (finais de semana, por exemplo). Supra as necessidades (Bíblia, devocionais, livros paralelos). Saia junto, construa laços com seu discípulo. Não seja um "grude" também: não faça "marcação cerrada homem a homem" com ele. Permita o compartilhamento de ideias, mas detenha-se em passar aquilo que é o importante.

Invista no discipulado. Crentes fortes só são constituídos se corretamente alimentados. Se você quer pessoas de qualidade na associação, invista no discipulado. Estenda esse trabalho a crentes que ingressam no grupo e que tenham até dois anos de conversão. Mais do que isso já é trabalho para quem lida com o crescimento espiritual do grupo.

O sítio **Militar Cristão** fornece material para quem se interessa por esse trabalho, com um roteiro básico sobre as verdades principais do Evangelho¹.

4-13. INVISTA NA FORMAÇÃO DE SUCESSORES

Assim como seu trabalho não pode ser realizado sozinho - a não ser que o Senhor te supra, provisoriamente, com todos os recursos para que você o execute mesmo sem ajuda humana - é importante investir na preparação de sucessores. Assim o Senhor mandou Moisés agir em relação a Josué, a fim de conduzir o povo a avançar para tomar posse da Terra Prometida (Deuteronômio 3:28). Ele queria, a partir daquele momento, Josué na liderança, porque era de Sua vontade que Moisés não passasse para além do Rio Jordão, e sim, um novo comandante.

Não queremos sustentar, com isso, que você há de ser substituído na obra. Isso pode ocorrer, entretanto. Há uma faculdade aqui: você pode, não deve (termo imperativo). Deus trabalha nas circunstâncias, conforme Sua vontade e imensa sabedoria. Por vezes a nossa presença pode não ser a melhor naquele momento para o grupo que chega; então o Senhor designa outro servo seu para tomar conta do novo rebanho. Ou até pode ser o caso de você ser a melhor pessoa indicada para aquela circunstância. Só que o crente não deve jogar com o acaso. Deus não joga com o acaso, lidando com as circunstâncias conforme elas forem aparecendo; se queremos fazer algo de relevante para o Reino, precisamos investir na obra sob todos os aspectos.

4-13-1. É NECESSÁRIO PREPARAR UM SUCESSOR

Pode parecer incômodo admitir, mas ninguém é imprescindível para a obra do Senhor. Assim foi com Arão ao morrer; suas vestes sacerdotais foram passadas imediatamente a seu filho Eleazar (Números 20:26). Deus não conta com o homem; Ele providencia o serviço para o homem para que este conte com Ele durante o trabalho a ser realizado. Deus pode usar tanto a mim como a você para as mais diversas tarefas, mas tudo já está programado. Portanto, é a Ele que devemos recorrer para nos apontar pessoas a fim de dar continuidade à obra.

¹ Remissão aos Manuais A-1 e A-2 desta Biblioteca, "Vida Nova com Jesus – A Fé do Militar".

Isso é algo muito sério, especialmente no meio militar. Suponhamos que você seja um capitão que trabalha numa guarnição militar do Comando do Leste, e repentinamente o Comando lhe designa para trabalhar numa Brigada de Infantaria da Selva lá no Comando Militar da Amazônia. Não há escolha. E Deus pode te querer lá também, a fim de espalhar, por todo o Brasil, a mensagem do Evangelho. E quanto ao grupo que você ajudou a formar, como ficará? Será algo como "fogo de palha"? Como a obra não pode parar, pois sabemos a quem servimos, então atentemos a esse recado.

4-13-2. NÃO SE TRATA DE UM SUCESSOR QUALQUER

Outra afirmação importante é a de que nem todos são aptos para suceder o ministério. Veja a relevância de Matias como o apóstolo sucessor de Judas Iscariotes no livro de Atos (1:15-26). Agora, veja a relevância de Paulo nos relatos bíblicos. A quem será que Deus honrou com plenitude: a escolha humana ou a Sua própria?

Assim deve ser conosco. Muitas vezes usamos de diversos artifícios para dizer que determinado irmão tem tudo para ser líder, seja por seu carisma, seja por vontade de que tudo vá bem, entre outros motivos. Acontece que a responsabilidade colocada sobre nós é grande o suficiente para que não "lancemos sortes" a fim de conhecer a vontade do Senhor. Temos como conhecer essa vontade de modo livre, através da oração e discernimento espiritual. O líder assim é pela vontade do Senhor (se até no meio secular acontece dessa forma, por que não no cristão, vez que toda autoridade é constituída pelo Senhor?). Deus quer honrar a associação militar, visto que Ele separou pessoas como você para edificá-la. Então, recorramos diretamente ao Senhor, que tudo evidenciará para que Sua obra continue.

4-13-3. SEPARANDO OS "CANDIDATOS"

É preciso haver sensibilidade espiritual para discernir quem Deus quer para a sucessão do trabalho. Não desprezemos a quem Deus quer apontar; o Senhor vê todas as coisas, e Sua escolha deve ser observada. "O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração" (I Samuel 16:7b).

Busque esse discernimento e sabedoria com a oração. Depois gaste tempo em compartilhar experiências com os possíveis candidatos, explicando a grandeza do ministério e as dificuldades da obra. Assim procedendo, você evitará surpresas, e a vitória do Senhor na sua guarnição se fará cada vez mais evidente.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, em síntese, que a associação é uma união de pessoas para um fim comum, e que devem haver objetivos verdadeiros a conduzir esse trabalho, quais sejam, compromisso com o Senhor e Sua obra, visão ministerial e iniciativa para iniciar e participar desse trabalho. O terreno deve ser preparado, e isso pode se conseguir aprendendo um pouco mais da rotina da caserna – para quem não é militar – ou convivendo mais com os companheiros cristãos. A amizade e fraternidade cristãs são fundamentais para que os alicerces dessa obra sejam edificados. Fatores como tempo, espaço, autorização do Comando, precisam ser observados, a fim de se evitar conflitos desnecessários. Precisamos, ainda, investir na obra, seja orando, testemunhando, buscando aliados, constituindo o grupo, evangelizando e discipulando, além de preparar sucessores para que a obra não pare.

Esperamos ter cumprido o nosso propósito. Esse texto foi escrito para dar algumas elucidacões a você, irmão militar ou civil engajado na obra, a fim de que muitas guarniões sejam edificadas por sua vida. Não podemos deixar de lado as oportunidades de bem servir ao Senhor, e todas essas coisas precisam ser feitas com excelência. Isso não é perfeccionismo, nem esse texto pretende ser um tratado sobre o assunto, mas para sugerir uma forma de se trabalhar num meio ao mesmo tempo carente do Evangelho e onde este pode ser testemunhado e espalhado de maneira padrão. Qualquer dúvida, procure-nos.

Que Deus abençoe sua iniciativa, e confirme a obra das suas mãos.

MILITAR CRISTÃO

<http://www.militarcristao.com.br>

Especificamente, a finalidade dessa página é:

- I. “Prover conteúdo relevante e adequado ao usuário final, qual seja, militar das Forças Armadas ou Auxiliares do Brasil, cristãos evangélicos ou não;
- II. Promover integração entre os militares cristãos de todo o Brasil, com possibilidades de se reunir irmãos que não se veem há muito tempo;
- III. Auxiliar nos cultos e reuniões evangélicas, promovidos pelas associações militares nos quartéis, provendo material, como estudos bíblicos, além de discutir ideias para o aperfeiçoamento desse trabalho;
- IV. Fortalecimento e difusão da fé militar, respeitadas a hierarquia e a disciplina”. (NGA 001/2006, art. 4º).

Agora, ponderando, considere os seguintes fatos:

- A extensão do nosso efetivo, bastante considerável;
- O fato de o militar ser, por muitas vezes, o braço do Estado onde nem o Estado vai, sobretudo em áreas de fronteira;
- As diversas movimentações que ele sofre ao longo da carreira;
- O contato diário com pessoas dos mais diversos rincões do País;
- A possibilidade de atuar junto a outras nações, com seu exemplo, nas missões de paz;
- No caso específico das Forças Auxiliares, o contato mais próximo e diário com a população, em situações de tensão e perigo;
- As dificuldades inerentes à carreira, como exposição diária ao perigo (inclusive de perder a vida), de se formar um patrimônio familiar, a instabilidade de relações pessoais duradouras por conta das movimentações, o prejuízo na educação dos filhos e na área profissional do cônjuge;
- O preparo e o emprego da força militar, em situações extremas;
- O elogio que a Bíblia dá ao compromisso, benevolência e fé de militares, como o centurião Cornélio;
- As imensas e evidentes semelhanças entre a vida cristã e a militar.

Diante desses fatores, nota-se o quanto o povo de Deus tem negligenciado o enorme potencial de atuação do evangélico militar. Quando limitamos nossa área de atuação ao louvor e à EBD, não percebemos que, à nossa volta, pode estar alguém que será um homem de Deus a frente de uma batalha, quem levará até as últimas consequências seu compromisso com Deus e com a nação brasileira. Um aluno de um curso de formação hoje pode ser o Marechal, Almirante ou o Brigadeiro amanhã. E ao menos que a Bíblia esteja equivocada (falo como homem), nação se voltará contra nação. O que será do homem da caserna? Quem irá até aquele povo? Quem os ajudará?

A resposta pode estar dentre os civis, que até hoje não descobriram essa missão dada pelo Senhor, ou especialmente dentre o próprio pessoal militar, que ainda encara sua incorporação como uma mera profissão, sem considerar o caráter de missão que ele tem, como integrante das Forças Armadas ou Auxiliares.

Esta é a nossa visão, que compartilhamos todos os dias com você, seja por meio de estudos, artigos, informações, bizus ou, inclusive, por entretenimento nos momentos de folga.

Este é o **Militar Cristão**.

PREZADO LEITOR

Todo auxílio é bem vindo a este ministério, bem como o aperfeiçoamento destes Manuais. Caso tenha alguma sugestão, dúvida, comentário, crítica ou contribuição a dar ao nosso trabalho, encaminhe-os para nós através do sítio **Militar Cristão**, seção **Contato**, ou diretamente ao webmaster pelo endereço eletrônico *webmaster@militarcristao.com.br*. Sua mensagem será analisada e poderá constar de futuras edições. Caso queira também contribuir com textos inéditos, seja de instrução para os grupos militares evangélicos, testemunho pessoal ou doutrina cristã, utilize-se dos mesmos modos de contato já mencionados. Os critérios de publicação estão na seção **Estrutura**. Que Deus te abençoe.

MILITAR CRISTÃO

Militar Cristão. Edificando na caserna.

Conheça os outros manuais da Biblioteca Militar Cristão através do sítio da Internet <http://tinyurl.com/bibliomc>.

AVISO – POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS



Obra licenciada pela Creative Commons ®: "Atribuição – Uso Não Comercial – Sem Derivações 4.0 Internacional", disponível em http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR.

Os infratores estão sujeitos às penalidades cabíveis pela Lei de Direitos Autorais (Lei n.º 9.610, de 19/02/1998), Lei n.º 9.279/1996 e pelo art. 184 do Código Penal Brasileiro (Decreto-Lei nº 2.848, de 07/12/1940), sem prejuízo de eventual ação cível de indenização.

Aviso conforme Anexo I à
NGA 009/2013, alterada
pela NCA 014/2014

Editor responsável: Cleber Olympio

© 2003-2014 Cleber Olympio. Todos os direitos reservados.

Não traduzimos a opinião oficial das Forças Armadas ou Auxiliares do Brasil, nem a de instituições religiosas.

